

FERREIRA, Luís Gonçalves

*Vestidos de caridade. Assistência, pobreza e indumentária na Idade Moderna. O caso da Misericórdia de Braga*

Vila Nova de Famalicão: Humus, 2020. 228 p. ISBN: 9789897554865

MARIA MARTA LOBO DE ARAÚJO

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2024.15990>

Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais

 <https://orcid.org/0000-0002-6199-8033>

A obra *Vestidos de caridade. Assistência, pobreza e indumentária na Idade Moderna. O caso da Misericórdia de Braga*, publicada pela Misericórdia de Braga, em 2020, corporiza um estudo inovador sobre a dádiva de roupa aos pobres nas Misericórdias portuguesas, dando particular realce à prática desenvolvida pela Santa Casa de Braga, na Idade Moderna.

A historiografia das Misericórdias conheceu um destacado desenvolvimento nas últimas três décadas, principalmente dentro de algumas universidades portuguesas, onde muitas dissertações de mestrado e teses de doutoramento têm sido defendidas, e também fora delas, originando muitas publicações, assim como outros formatos de divulgação de ciência de relevante interesse, como congressos, seminários, mesas redondas, etc. Apesar desse assinalável interesse, sobretudo para o Período Moderno, a dádiva de roupa não tem despertado senão uma tímida atenção por parte dos investigadores, que, ao analisarem as práticas de caridade destas confrarias, a integram no todo que constituem as sete obras de misericórdia corporais, sem lhe conferirem a importância que na época assumiu. Mas o mesmo deve ser referido relativamente à indumentária de uma forma geral. Faltam mais estudos para dar consistência aos poucos trabalhos conhecidos para este assunto.

Luís Ferreira decidiu escolher este tema para a sua dissertação de Mestrado em História na Universidade do Minho, abrindo e desenvolvendo uma linha de investigação nesta área, que o livro em apreço configura e destaca.

Dividido em duas partes essenciais, o livro integra ainda uma Introdução, onde é dado a conhecer ao leitor as fontes trabalhadas, alguns conceitos, assim como a cronologia do trabalho, e uma conclusão, fontes, bibliografia e um glossário. Assente numa base sólida de fontes manuscritas, com recurso principal ao fundo da Misericórdia de Braga, e numa bibliografia nacional e internacional, especializada e pertinente, o autor começa, no que chama “urdindo a teia” pelo levantamento de um conjunto de questões a que vai respondendo ao longo do trabalho, indagando sobre os pobres auxiliados pela Santa Casa de Braga no que toca à indumentária, questionando quem eram esses pobres, que esmolas em roupa receberam e de que forma estas instituições contribuíram para a construção da sua imagem. Procura-se, em última instância, debater a aparência da pobreza, considerando o cumprimento por estas confrarias da terceira obra de misericórdia corporal “vestir os nus”.

Na primeira parte, que Luís Ferreira denomina “Teia”, constroem-se bases para analisar o desempenho das Misericórdias ao longo da Idade Moderna, reconhecendo o seu papel no combate à pobreza e sublinhado de forma incisiva a articulação destas instituições com as comunidades locais, quer no que respeita ao recrutamento de homens para as suas

---

fileiras de irmãos, quer no tocante à leitura que fazem da pobreza existente. Na tentativa de efetuar um balanço sobre os trabalhos já produzidos acerca desta obra de misericórdia, o autor destaca a dimensão moral que lhe subjaz, bem como os aspetos económicos e sociais que lhe estão associados. E no âmbito desta análise buscou entender as despesas efetuadas por várias Santas Casas com esta obra de misericórdia, chamando a atenção do leitor para o facto de estas confrarias oferecerem também roupa usada, proveniente de legados, bem como de doentes falecidos nos seus hospitais. Para além dos pobres, a roupa era ainda oferecida a assalariados, integrando parte do seu salário. Com esta opção, as Misericórdias asseguravam que estes se apresentassem condignamente, constituído alguns deles a imagem pública da instituição, como eram os “homens do azul”. E se assim se construía uma imagem com base na aparência, o mesmo se passava com os pobres, que com a roupa que tinham no corpo, expressavam materialidades correspondentes a um determinado grupo social. Ao distribuírem roupa, as Misericórdias constituíam-se como agentes interventores na forma de aparentar, ou seja, na perceção do corpo vestido dos homens, das mulheres e das crianças pobres. Ainda a propósito do corpo, aborda-se a noção de aparência e revisitam-se autores sobre indumentária e corpo social.

Na segunda parte, a propósito da “Trama”, o autor efetua um estudo de caso sobre o desempenho da Misericórdia de Braga referente a vestir os nus. Após uma rápida caracterização da cidade na Idade Moderna, passando pelas instituições mais relevantes e pela figura dos arcebispos, Luís Ferreira mergulha na Misericórdia, recuando ao seu começo e demonstrando o seu crescimento e poder nos séculos XVII e XVIII. Nesse percurso, sublinha a importância dos arcebispos na instituição, fazendo transitar não somente verbas em formatos distintos, como muito do seu capital simbólico para a Misericórdia. A ligação forte desta instituição com os arcebispos constitui um traço diferenciador das restantes Santas Casas, ao mesmo tempo que estabelece linhas de atuação em termos assistenciais. Tal como a Santa Casa, também a Mitra esmolava pobres e vestia nus.

A distribuição de roupa aos pobres encontrava-se ritualizada no período em estudo e dependia das finanças da instituição e das opções de gestão. As “vestiarias” como era designada a roupa entregue pela Santa Casa aos pobres deixou rasto nos livros dos tesoureiros, o que possibilitou a Luís Ferreira estudar a despesa efetuada com esta obra de misericórdia. Foi ainda através desta fonte que foram analisados os montantes despendidos ao longo do século XVII, constatando-se a sua subida a partir de 1697, e nos primeiros anos de setecentos, a distribuição mensal destas esmolas, bem como o desaparecimento das “vestiarias” nos primórdios do século XVIII. A razão invocada para este corte parece ter residido nos abusos existentes na distribuição da indumentária, motivo aduzido por outras Misericórdias para acabar também com outro tipo de esmolas no decurso de setecentos. Sem podermos comprovar, com a informação veiculada pelas fontes, a cabal razão desta atitude, o certo é que estas instituições foram confrontadas com grandes despesas no setor da saúde ao longo do século XVIII, canalizando boa parte das suas receitas para esse fim, o que as obrigou a reestruturar as suas práticas caritativas. Isto mesmo foi verificado em Braga com as campanhas de obras sofridas pelo hospital de São Marcos e com o aumento de doentes tratados no mesmo instituto.

Esta dádiva era efetuada a todos os que dela necessitassem, desde que considerados pela Santa Casa, distinção que se alargava ainda ao tipo de esmola, ou seja, à forma como a instituição se posicionava perante os pobres. A entrega de pano para confeccionar as peças de que se necessitava e a dádiva de dinheiro para pagar a confeção eram preferencialmente destinadas aos pobres envergonhados, pessoas mais consideradas. Já aos restantes eram entregues peças já feitas ou usadas.

A análise fina feita à tipologia dos tecidos é demonstrativa do conhecimento profundo que o autor possui sobre a matéria, auxiliando o leitor no desbravamento de conceitos associados à indumentária dos pobres. Mas a análise privilegiou ainda a tipologia da roupa dada, ligada aos recetores, possibilitando acompanhar quem recebeu e que peça lhe foi oferecida. Estas coordenadas foram cruzadas com uma outra, fundamental para o estudo da pobreza bracarense na Idade Moderna, ou seja, a localização geográfica dos pobres beneficiados, apontando para fora dos muros da cidade os maiores recetores desta esmola, residentes principalmente nas zonas este e sudeste. Sabemos que esta imagem não correspondia à pobreza da cidade, somente aos que foram providos com indumentária, mesmo assim é uma referência importante e indicadora das bolsas de pobreza de Braga, assim como das paróquias circunvizinhas. Assim, ficamos na posse de informação privilegiada sobre os pobres assistidos, nomeadamente de mulheres, órfãos, oficiais e aprendizes.

Para além do estudo da indumentária oferecida para cobrir o corpo dos vivos, o livro analisa também o revestimento do corpo dos mortos, através da distribuição de mortalhas, ritual de caridade importante, que marcava a despedida e a viagem do mundo dos vivos para um lugar desconhecido. É ainda no âmbito da indumentária oferecida aos vivos, que o autor analisa a roupa entregue aos assalariados.

Ao longo do texto, Luís Ferreira demonstra os profundos conhecimentos que possui sobre indumentária, procedendo a uma análise detalhada dos tecidos e da sua composição, mas também dos quem os trabalhava e vestia corpos. Os alfaiates em grande número na cidade, principalmente no século XVIII, eram a evidência da necessidade que a população tinha dos serviços que prestavam. No caso da Misericórdia eles não serviam somente para fazer peças novas, mas também para reparar antigas, possibilitando-lhes um reaproveitamento. O mesmo se passava com os sapateiros, pois a Santa Casa também oferecia sapatos ou peças para eles, construindo relações estreitas com alfaiates, sapateiros e sombreiros. O estudo das cores prendeu também a atenção ao autor, quando analisa os tecidos e as suas tonalidades, demonstrando como o processo de “vestir” o corpo era complexo e se coadunava com estratégias de cada instituição na gestão do seu capital simbólico. A análise às despesas feitas pela Santa Casa com roupa, calçado e chapéus é demonstrativa dos cuidados que tinha na forma como vestia “os nus”.

No final da obra, Luís Ferreira trata do “tecido”, ou seja, da fase final, através de uma conclusão, em que sistematiza as principais ideias, demonstrando a importância desta prática para as Misericórdias e no caso em apreço para a de Braga. O livro integra ainda gráficos, quadros e imagens de elevada qualidade, possibilitando ao leitor visualizar com facilidade alguma da informação em tratamento. O esclarecedor glossário que possui permite o acompanhamento de termos referentes a indumentária caídos em desuso.

---

A viagem que efetuamos através desta obra permite-nos olhar para as Misericórdias com mais profundidade e constatar como a de Braga cumpriu a missão de vestir o corpo de quem necessitava ou era seu assalariado. Esta análise salta as fronteiras da caridade e discute a indumentária numa visão mais integrada dos corpos, destacando pobres e assalariados, tecidos, processos de tingimento e obtenção das cores, dando a conhecer as peças oferecidas a homens, mulheres e crianças, mas também de todos os que andavam envolvidos nesta obra de misericórdia ou a ela se associavam através do cumprimento dos serviços que prestavam. Com este livro, Luís Ferreira abriu e densificou uma linha de investigação quase a descoberto na historiografia das Misericórdias, possibilitando um novo olhar sobre a forma como estas confrarias cuidavam da imagem exterior dos pobres.